



Transferência tecnológica em marcha

Os especialistas asseguram que Portugal tem uma boa base de inovação e que os empreendedores começam a adoptar uma atitude mais proactiva relativamente às oportunidades que vão chegando do mercado global

■ LUÍSA DÁMASO
luisadamaso@revistas.cofina.pt

Os especialistas da Carnegie Mellon University (CMU) estiveram na Unidade de Transferência de Tecnologia (UATEC) da Universidade de Aveiro para dar a conhecer algumas das melhores práticas associadas à negociação e à valorização de bens gerados no contexto académico – novos produtos, serviços e *start-ups*.

Organizada pela rede UTEN Portugal, em parceria com o Programa Carnegie Mellon Portugal, a iniciativa, que durou dois dias, permitiu debater diferentes aspectos relacionados com as *start-ups* geradas nas universidades e com a captação de investimento para suportar os projectos.

Neste contexto, Tara Branstad e Barbara Carryer, enquanto especialistas em empreendedorismo e transferência de tecnologia da CMU, apresentaram diferentes modelos para definição de estratégias de negociação adequadas aos objectivos das novas empresas, mas também formas de capitalizar e otimizar as vantagens das invenções ou criações desenvolvidas nas universidades.

Segundo as especialistas da CMU, a forma como investigadores e professores apresentam o seu produto ou empresa é determinante no momento de angariar financiamento e de negociar com quem investir.

«Vivemos num mundo onde os jovens têm uma cultura de empreendedorismo muito forte, por isso é preciso apostar nos investigadores seniores, que são aqueles que ainda não nos procuram com tanta frequência», salientou Barbara Carryer, professora-adjunta de Empreendedorismo e Innovation Advisor no Instituto para a Inovação Social da CMU.

O *Semana* questionou esta responsável sobre a realidade que se vive em Portugal em relação a esta matéria. A avaliação de intangíveis dentro do ambiente universitário é uma tarefa «desafiante e complexa», defende Barbara Carryer. «Muitas



vezes, as tecnologias desenvolvidas nas universidades estão num estágio de desenvolvimento tão embrionário que é difícil determinar o seu valor», constata esta especialista.

Ainda assim, Barbara Carryer diz que é possível, através de vários métodos, identificar o potencial dos projectos, no entanto salienta que é importante alicerçar relações com os licenciados (especialmente com novas empresas) que permitam gerar dinheiro suficiente para a continuidade do processo de desenvolvimento dessas tecnologias. «Este não é certamente um desafio que é limitado a Portugal; existe em todos os países, incluindo os EUA», acrescenta Barbara Carryer.

COMPROMISSO COM A INOVAÇÃO

Por sua vez, Tara Branstad, directora associada do Center for Technology Transfer and Enterprise Creation (CTTEC) da CMU, não tem dúvidas de que o empreendedorismo português tem características diferentes do que existe nos EUA, que beneficia de um histórico nesta área e de uma política de capital de risco com alguma maturidade. «O empreendedorismo em Portugal e a disponibilidade de fundos de capital de risco estão ainda numa fase inicial», assinala esta especialista, salientando ainda assim que o potencial é grande.

Segundo Tara Branstad, existem em Portugal vários sinais positivos para o empreendedorismo e para as *startups*. Os estímulos à inovação e ao empreendedorismo

dentro da universidade e nas comunidades de incubadoras são um claro exemplo de que as coisas estão a mudar. «Nota-se que há um entendimento claro de que o futuro de Portugal depende do desenvolvimento económico e que a melhor maneira de o obter é alavancar o capital intelectual dentro das universidades na forma de *startups*», assume esta especialista. O entusiasmo dos empresários também não passa despercebido a estas duas peritas. Ambas acreditam que o comprometimento desta massa crítica irá permitir novos empreendimentos e que estes irão trazer novos produtos ao mercado e fazer a diferença em Portugal e além-fronteiras.

Pelo que viu e ouviu nas reuniões com empreendedores nacionais em que participou, Barbara Carryer considera que as ideias e as oportunidades estão a ser encaradas de novas formas. «Este é um indicador de inovação que pode levar à comercialização de novas tecnologias», afirma.

Questionada sobre o reconhecimento que a tecnologia nacional tem no estrangeiro, esta especialista respondeu que a parceria entre Portugal e a Carnegie Mellon University está a produzir inovação que irá claramente ter impacto nos dois lados do Atlântico. Com base nos projectos que tem desenvolvido em Portugal, esta responsável garante que a reputação da inovação de Portugal «vai crescer».

COMPREENDER O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA

A professora adjunta de empreendedorismo e *innovation advisor* no Instituto para a Inovação Social da CMU acredita

que o contributo das sinergias criadas no âmbito do Programa Carnegie Mellon Portugal ajudarão a alavancar os activos tecnológicos nacionais, bem como a reestruturar as estratégias de negócio e a desenvolver parcerias internacionais, benéficas para ambos os lados. «Estamos a trabalhar com a rede UTEN e com o CMUPortugal para orientar e formar os estudantes em áreas-chave, de modo a encorajar novas ideias que, acreditamos, conduzirão a resultados positivos para os jovens portugueses, para o sistema de ensino e para a economia», afirma a especialista.

De modo a reforçar as competências portuguesas em matéria de transferência de tecnologia e a comercializá-la num contexto global, Tara Branstad diz que é essencial, numa primeira fase, compreender como se processa a transferência e aproveitar todas as oportunidades que surjam no mercado global. «Ao trazer a experiência americana, esperamos estar a contribuir para que as empresas nacionais aproveitem as oportunidades de financiamento e comercialização que surjam no seu radar, independentemente da sua localização geográfica», assume a responsável.

Adicionalmente, a directora associada do Center for Technology Transfer and Enterprise Creation da CMU recomenda que as relações estabelecidas no âmbito dos programas de cooperação e estágios sejam potenciadas ao máximo, uma vez que elas irão servir para «permitir a todos os participantes expandir as redes nesta indústria».